

Guilherme de Carvalho

L'Abri Brasil

O “Problema de Gênero” e a Natureza de Deus



TEXAS



POLICE



DONALD TRUMP



FEMINISM



MELANIA TRUMP

Shapiro at 'National Review': When Disaster Strikes, Men Are Men – And That's A Great Thing



Aguardando titangate-d.openx.net...



Digite aqui para pesquisar

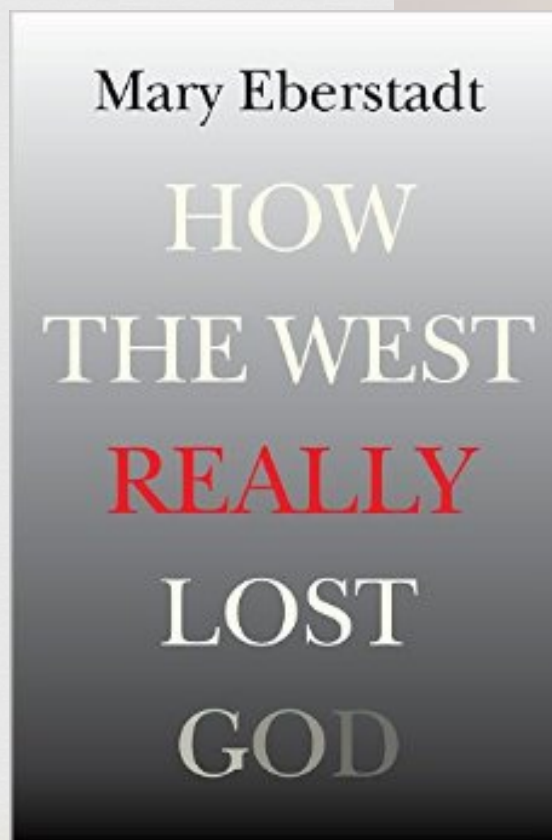


Porque é Fundamental?



(2013)

A secularização não
seria a causa, mas
efeito da
transformação da
família



Três Clivagens: Uma Agenda Crítica



Ruptura entre Identidade e Diferença

Ruptura entre Natureza e Liberdade

Ruptura entre Afetividade e Normatividade

Gênesis 1 (Moisés)

26E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens* e sobre todo animal rastejante que se arrasta sobre a terra.*

27E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Efésios 5 (Paulo)

22Mulheres, cada uma de vós seja submissa ao marido, assim como ao Senhor;

23pois o marido é o cabeça da mulher, assim como Cristo é o cabeça da igreja, sendo ele mesmo o Salvador do corpo.

24Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres sejam em tudo submissas ao marido.

25Maridos, cada um de vós ame a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela,

26a fim de santificá-la, tendo-a purificado com o lavar da água, pela palavra,

27para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.

28Assim, o marido deve amar sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo.

29Pois ninguém jamais odiou o próprio corpo; antes, alimenta-o e dele cuida; e assim também Cristo em relação à igreja;

30porque somos membros do seu corpo.

31Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e os dois serão uma só carne.

32Esse mistério é grande, mas eu me refiro a Cristo e à igreja.

33Entretanto, também cada um de vós ame sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o marido.

I. A Ideologia da (In)diferença



Pr. Guilherme de Carvalho

L'Abri

Teoria Queer: Contexto



Movimento Queer (“estranho”): Um campo de pesquisas e militâncias variado e transdisciplinar que utiliza as experiências de dissidências de gênero e sexualidade como o ponto de partida para construção de práticas de si, discursividades e de instituições.

Origem: 35 a 40 anos, nas liberação sexual e nas lutas por Liberdade sexual gay e lésbica e trans (1973, APA, despatologização e descriminalização), e o pânico sexual associado à AIDS (SIDA).

Base Teórica: Michel Foucault, “História da Sexualidade” (poder e biopolítica: a gestão da vida humana no centro do interesse político). Questionamento das configurações políticas do preconceito. Pós-estruturalismo: tudo é... construção!

1. Normatividade: o Problema Central



Heterossexualidade Compulsória: a exigência de que todos sejam “hetero” como fato moral e político contemporâneo.

Heteronormatividade: Haveria uma conexão linear e não-problemática entre o corpo e o gênero, e a vida deve ser organizada segundo padrões heterossexuais. Quem não se “encaixa” tem que ser “explicado” (isso é rejeitado em princípio como “norma”)

Base Teórica: A teoria trabalha a partir de três regiões fundamentais (tripé Foucaultiano): práticas de si (construção do eu), discursividades (atos comunicativos e performances)¹⁰ e instituições.

Normatividades?

A noção de que pode haver uma “verdade” do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes.

Judith Butler

2. Dogma central: Filosofia da Diferença



- Se não há “natureza” ... tudo é história e construção...
- **Filosofia da Diferença**: o questionamento da metafísica ocidental, tendo Nietzsche como ponto de partida (perspectivismo, transvaloração). Questiona-se a filosofia da identidade, ou a substância e a coerência interna de tudo, ou o ESSENCIALISMO.

A história é o âmbito determinante na formação das identidades. A filosofia da diferença propõe o questionamento e a subversão das identidades e a promoção de outras “epistemes”, ou o CONSTRUCIONISMO.



Universidade da
California
(Berkeley),
1990

Produção de Identidades?

[...] em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o status autoidêntico da pessoa? [...]

[...] a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição da pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas.

Judith Butler

Gênero?

[o gênero não é] uma identidade estável ou um locus de agência a partir do qual se seguem vários atos; antes, o gênero é ... Instituído... Por meio da repetição estilizada de atos [habituais]”

Judith Butler

Ideologia de Gênero, “in a nutshell”

“... O gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em “Genealogia da Moral”, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo” [...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.”

Judith Butler

Ideologia de Gênero



- 1) Feminismo de Primeira Onda: sufragismo, **igualdade de gêneros** e de oportunidades;
- 2) Feminismo de Segunda Onda: **distinção entre sexo e gênero** e afirmação de igualdade a partir da diferença (Simone de Beauvoir)
- 3) Feminismo de Terceira Onda: afirmação, a partir da crítica do falocentrismo e da indeterminação da condição feminina (Luce Irigaray), da **indiferença sexual e de gênero**.

Indiferença e multiplicidade subversiva

*Na opinião de Irigaray, a gramática substantiva de gênero, que supõe homens e mulheres assim como seus atributos de masculino e feminino, é um exemplo de sistema binário a mascarar de fato o discurso unívoco e hegemônico do masculino, o falocentrismo, silenciando o feminino como lugar de uma **multiplicidade subversiva**.*

Judith Butler

Filosofia da (in)Diferença?



- Pressuposto: **não precisamos de identidade**; afirmamos a exceção e abrimos mão da regra por ela.
- Mas não se pode falar em exceção sem regra. Giorgio Agamben discute o sentido da “indiferença” em seu conceito do “messiânico” como anulação ou suspensão (katargeo); mas encontra um problema quando na indiferença não se distingue mais os estados de nenhum modo (na política: o estado de exceção, a anomia, e a degeneração). Afirmar a diferença sem identidade é infrutífero (heraclitianismo, parmenidianismo e platonismo).
- Laerte: “o que você é? – tanto faz”

Indiferença?

O feminismo busca criar “uma sociedade sem gênero (embora não sem sexo), na qual a anatomia sexual de alguém é irrelevante para o que ela é, o que ela faz, e com que ela tem sexo.”

Gayle Rubin (1975)

Libertação pela... indiferença?

[para Monique Wittig] a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da pessoa, livre dos grilhões do sexo [...]

Consequentemente, Wittig clama pela destruição do “sexo”, para que as mulheres possam assumir o status de sujeito universal [...]

Judith Butler

Política de indiferença?

[...] que possibilidades políticas são consequência de uma crítica radical das categorias de identidade?

Judith Butler

Política de indiferença?

[...] quando as identidades ou as estruturas dialógicas consensuais, pelas quais as identidades já estabelecidas são comunicadas, não constituem o tema ou o objeto da política, isso significa que as identidades podem ganhar vida e se dissolver[...]

*O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada [...]. Uma coalização aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas... Uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um **telos** normativo e definidor.*

Judith Butler

Porque o Feminismo escolheu a (in)Diferença?

Porque a diferença essencial, no sentido CISCÊNERO (a dualidade masculino/feminino), vem da vontade masculina que FIXA a feminilidade (o homem “dá o nome” à mulher).

Na indiferença a mulher escapa do poder masculino, e se liberta da opressão. Mas...

Não se poderia dizer, nesse caso, que ao se tornar indefinida, a “mulher” perde exatamente a feminilidade?

Essa decisão não confirma, então, que A MULHER NÃO PODE ENCONTRAR A FEMINILIDADE A NÃO SER NA PALAVRA MASCULINA QUE A INTERPRETA?

Filosofia da (in)Diferença?

- Problemas centrais:

Afirmação da alteridade por meio da diferença, exacerbando o conflito;

Superação do conflito por meio da suspensão da diferença e da identidade: DESTRUIÇÃO DO GÊNERO

Não há RECONCILIAÇÃO, porque NÃO HÁ CONEXÃO ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

II. Ontologia Social e Ideologia

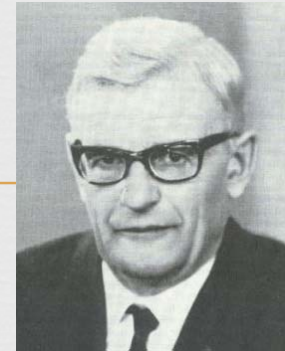


Pr. Guilherme de Carvalho

L'Abri

Arqueologia da Indiferença

Herman Dooyeweerd (De Wijsbegertee der Wetsidee, 1935) e John Milbank (Theology and Social Theory: Beyond Secular Reason 1990) estudaram a gênese do humanismo moderno.



A liberdade consiste de um âmbito de poder absoluto, hermético e desregulamentado (arbitrário). (ex: MEU CORPO, MINHAS REGRAS)

O indivíduo e a sociedade são vistos como a esfera do FACTUM, o feito pelo poder arbitrário.

O homem se vê como o AUTOR DE SI MESMO

Nietzsche: Autonomia + Historicismo

1) Ênfase na **vontade**: o homem não tem uma natureza; ele se constitui pela escolha

2) Ênfase no **conflito**: a visão heraclitiana de que “polemos” é o pai de todos.

O pensamento POSMODERNO baseia sua visão de autonomia no princípio Nietzscheano da VONTADE DE PODER (Derrida, Foucault, Deleuze, etc).



Nietzsche e o Gênero

[...] o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero for a da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *Genealogia da Moral*, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o fazedor é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo. Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmariamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente construída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados.

Judith Butler p. 56..

Porque Nietzsche atacou o cristianismo?

[...] retorno ao fato de Nietzsche ter dirigido a sua crítica histórica contra o cristianismo em especial. Isso mostra não ser somente um aspecto de uma metanarrativa obsoleta; pelo contrário, Nietzsche estava objetivamente certo na medida em que **o cristianismo é singular ao recusar realidade última a todos os fenômenos conflituais**. Por essa razão, como vou argumentar, ele é o verdadeiro “oposto” do pós-modernismo Nietzscheano [...]

John Milbank, Teologia e Teoria Social, p. 337.

[...] um primeiro princípio que alicerça todo o nosso método: é que falar é combater, no sentido de jogar, e que os atos de linguagem provém de uma *agonística* (o autor cita Heráclito e Nietzsche) geral [...].

Esta idéia da agonística da linguagem não deve ocultar o segundo princípio que lhe é complementar e que norteia nossa análise: *é que o vínculo social observável é feito de “lances” de linguagem [...]*.

Jean-François Lyotard, *O Pós-moderno* (p.17-18)

Ideologia de Gênero e Violência



Respondendo à violência do pensamento da identidade, a ideologia supõe a ausência de natureza em nome da liberdade

A negação da natureza ainda assume que não pode haver reconciliação sem destruição do feminino

Não há RECONCILIAÇÃO, porque NÃO HÁ CONEXÃO ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

III. Trindade e Ontologia Analógica



Pr. Guilherme de Carvalho
L'Abri

Sobre João 17

“Esta súplica de Jesus por unidade, inserida no contexto da oração sacerdotal, leva-nos a um universo que transcende nossa capacidade de compreensão [...]. Nesta oração, **Jesus coloca-se a si mesmo, na sua relação com o Pai, como referencial da unidade proposta.** A afirmação “como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” remete-nos ao mistério da Trindade como modelo de relação e unidade. Trata-se de um convite para que a relação que o Pai, o Filho e o Espírito Santo gozam entre si seja também compartilhada com a igreja [...].”

“Buscar compreender a Trindade a partir do que ela é na relação que nutre entre si constitui a grande tarefa da igreja para redescobrir sua própria natureza.”

“Quando Jesus afirma “Eu e o Pai somos um” está demonstrando a indivisibilidade da Trindade e a impossibilidade do individualismo autônomo. Por um lado ele afirma sua identidade como pessoa, mas também define que esta identidade não existe sem o Pai e o Espírito. Ele afirma a mesma coisa quando diz: “Quem vê a mim vê o Pai”. É impossível ver o Pai sem ver o Filho, ou vice-versa, como também é impossível ver o Espírito sem ver o Pai e o Filho. É assim que Deus se revela nas Escrituras, como um ser-em-comunhão”.”

Ricardo Barbosa de Souza,
O Caminho do Coração: Ensaios sobre a Trindade e a Espiritualidade Cristã.

II. O Deus Cristão



TE

Agostinho de Hipona
Século IV A.D.

O Maior teólogo da
antiguidade Cristã
AMOR

Descreveu as relações
Espírito
das pessoas da
Trindade

O ÍCONE DE ANDREI
RUBLEV (1370-1427):

“A HOSPITALIDADE DE
ABRAÃO”

Para nós...

**A TEODRAMÁTICA DA
TRINDADE**



O Amor Intertrinitário



Em Cristo, a igreja é acolhida na comunhão intertrinitária, e se torna objeto do amor do Pai

ADOÇÃO

A Hospitalidade Divina



Tomar a CRUZ é doar voluntariamente a vida ao outro, criando a comunidade humana como espelho da comunidade divina.

Ontologia Social Cristã



Unidade na Diversidade tem caráter último

A sociedade humana é uma analogia da sociedade divina

PARTICIPAÇÃO: Nem identidade pura, nem diferença pura, nem indiferença pragmática

IV. Gênero e Ontologia de Paz



Pr. Guilherme de Carvalho
L'Abri

Gênero e Ontologia Social Cristã: (1Coríntios 7.4; 11.7-12; Efésios 5.21)



Masculino e feminino não podem ser definidos a não ser em um relacionamento de PAZ

A MULHER: deve permitir ser nomeada pelo homem, definindo-se a partir de seu amor.

O HOMEM: deve ser formado e enviado para servir à mulher, definindo-se a partir dessa missão.

AMBOS: devem ter sua autonomia relativizada e ter a si mesmos no outro ou através do outro.

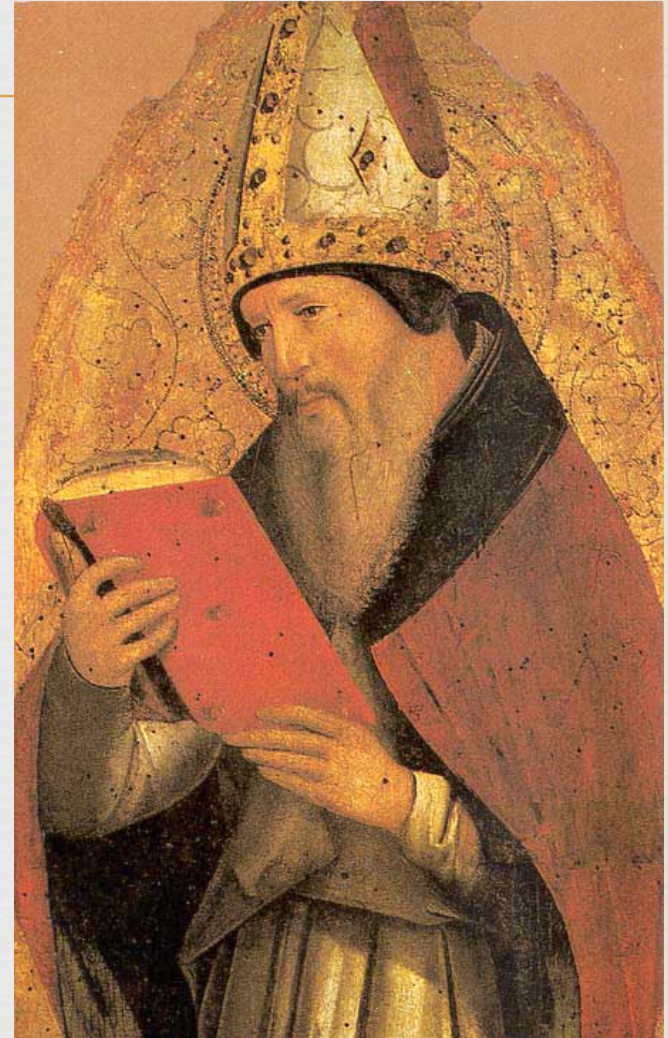
Babel e Jerusalém

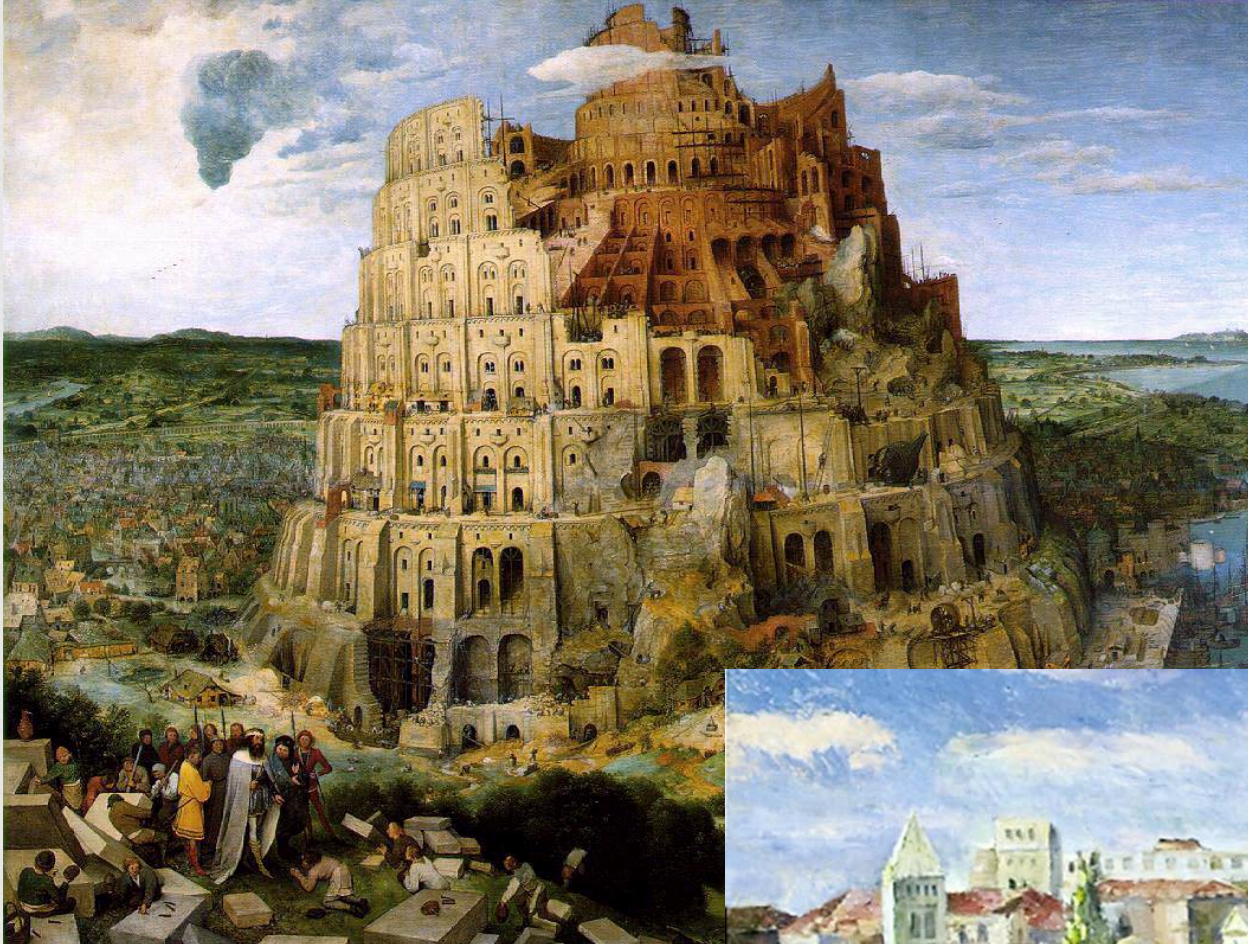
Nas raízes da noção de “duas cidades” está o conflito bíblico entre Babel e Jerusalém.

*Agostinho deu a formulação clássica à noção de uma antítese insolúvel entre a Civitas Mundi e a Civitas Dei, tornando-a **uma filosofia social e uma filosofia da história** (Livro 15, capítulo 1).*

BABEL – “Cidade terrena, senhora dos povos escravos e, por sua vez, dominada pela paixão de dominar” (CD1, prólogo)

JERUSALÉM – Centrada no amor e na Shalom





*A Torre de Babel,
Pieter brueghel the
Elder 1563*



*My Jerusalem,
Michael Rozentov,
2006*

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o **amor próprio**, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o **amor a Deus**, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência. Aquela ensoberbece-se em sua glória e esta diz a seu Deus: Sois minha glória e quem me exalta a cabeça. Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas vêm-se sob o **jugo da concupiscência de domínio**; nesta, **servem em mútua caridade**, os governantes, aconselhando, e os súditos, obedecendo. Aquela ama a sua própria força em seus potentados; esta diz a seu Deus: A ti hei de amar-te, Senhor, que és minha fortaleza [...].

Agostinho de Hipona, A Cidade de Deus, Livro 14 (413-426 d.C.).

Conclusão: Gênero e Ontologia de Paz



A filosofia de Gênero precisa reencontrar o nexo entre identidade e diferença, e a participação mútua de masculino e feminino.

A imitação do Deus Trino nas relações entre as pessoas é o caminho da Paz e do Amor.